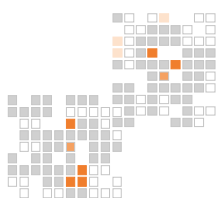


REPRESENTAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE NO CONFLITO NARRATIVO: QUANDO A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA VIRA MEME

REPRESENTATION AND REPRESENTATIVENESS IN NARRATIVE CONFLICT: WHEN RELIGIOUS INTOLERANCE BECOMES MEME

REPRESENTACIÓN Y REPRESENTATIVIDAD EN EL CONFLICTO NARRATIVO: CUANDO LA INTOLERANCIA RELIGIOSA VIRA MEME

214



Rangel Ramiro Ramos

■ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) na Universidade Federal Fluminense (UFF).

■ E-mail: rangelramos@id.uff.br

Uipirangi Franklin Câmara

■ Docente do Centro Univ. Opet (UNIOPET) e Faculdade Cristã de Curitiba (FCC). Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Trabalhos mais importantes: O Armário de Deus no Armário dos Homens (2018); Jogos de Verdade e de Erro (2016); Tendências e Relações entre a Orientação Sexual e o Cristianismo no Brasil (2012).

■ E-mail: ucamara@gmail.com

RESUMO

A partir de uma classificação taxonômica, baseada nos conceitos de territorialidade, representação e representatividade, este artigo sugere que os memes de internet são elementos da retórica política em disputas narrativas pelo poder nas redes sociais. Para isso, recorta-se os memes do episódio “ô Malafaia, vai procurar uma rôla”, que envolveu o pastor Silas Malafaia e o jornalista Ricardo Boechat, a fim de propor duas novas categorias taxonômicas de classificação. O resultado desta pesquisa é ressaltar a percepção de que a sátira e a ironia dos memes transcendem a comichão e tornam-se insumo de reflexão, combate e discussão política.

PALAVRAS-CHAVE: POLÍTICA; NARRATIVA; RELIGIÃO; MEMES.

ABSTRACT

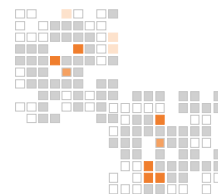
From a taxonomic classification based on the concepts of territoriality, representation and representativeness, this article suggests that internet memes are political rhetoric elements in discourse power struggles in social networks. For this, the meme of the episode “ô Malafaia, vai procurar uma rôla” which involved reverend Silas Malafaia and journalist Ricardo Boechat, to propose two new categories taxonomic classification. The result of this research is to emphasize the perception that the satire and the irony of memes pass through comedy and become an input of reflection, engagement and political discussion.

KEYWORDS: POLITICS; DISCOURSE; RELIGION; MEMES.

RESUMEN

A partir de una clasificación taxonômica, basada en los conceptos de territorialidad, representación y representatividad, este artículo sugiere que los memes son elementos de la retórica política en disputas narrativas en las redes sociales. Para eso, se recorta los memes del episodio “ô Malafaia, vai procurar uma rôla”, que involucró a Silas Malafaia y Ricardo Boechat, a fin de proponer dos nuevas categorías taxonômicas de clasificación. El resultado de esta investigación es resaltar la percepción de que la sátira y la ironía de los memes trascienden la comichão y se convierten en insumo de reflexión, combate y discusión política.

PALABRAS-CLAVE: POLÍTICA; NARRATIVA; RELIGIÓN; MEMES.



1. Introdução

Do ponto de vista político, já faz algum tempo que as redes sociais são vistas como um território¹ de conflito pautado pelas disputas ideológicas. Se algum ícone religioso estiver envolvido com o preconceito, por exemplo, essas discussões ficam ainda mais agitadas. Nesse contexto diacrônico, a sátira e a ironia dos memes transpassam a comicidade e tornam-se insumo de reflexão, combate e discussão pública.

Shifman (2014) aborda o conceito de “ação conectiva”, proposto por Lance Bennett e Alexandra Segerberg, mostrando a importância dos memes como construtores de narrativas, que pautadas em ironia sobre os discursos hegemônicos conseguem atingir com maior eficácia a sociedade. Para a autora, a “personalização dos memes políticos é benéfica não apenas para os indivíduos que os espalham, mas, também servem à retórica dos movimentos políticos” (Shifman, 2014, p.129). É nisso que o meme desempenha um papel importante nas relações políticas de disputas pelo poder, contribuindo para que uma narrativa seja espalhada, estimulando milhares de pessoas a se envolverem com alguma causa.

Ao alocarmos o meme na práxis política, entendendo a política como um fenômeno social, surge a possibilidade de analisá-lo a partir do regime estético proposto por Jacques Rancière, que permite uma percepção da narrativa construída, especialmente, por meio da enunciação e não, apenas, pelo enunciado. Afinal, os memes permitem que as mensagens ou slogans não sejam aplicados e replicados de uma maneira singular, já que memes são adaptações que ajudam aos indivíduos contar suas próprias histórias ou representar as histórias

¹ Território é utilizado aqui na perspectiva simbólica, no sentido do desconhecido, daquilo que não conseguimos definir ou mapear. Ver: HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro, (2004).

a partir de suas próprias perspectivas. Partindo desse prisma, este artigo visa concatenar os conceitos de representação apresentados por Stuart Hall com as provocações estético-políticas de Jacques Rancière, a fim de propor duas novas categorias de análise de conteúdo aos pesquisadores que se têm se empenhado em classificar memes.

Para Hall (2016), existem dois sistemas de representação: o mapa conceitual e a cadeia de equivalências, sendo assim, a interpretação construída a partir dessas duas lógicas é o processo que dá liga na relação entre coisas, conceitos e signos, produzindo sentido por meio da linguagem. Portanto, se o meme de internet for considerado uma linguagem da cultura contemporânea, como propõe Shifman (2014), então, produz sentido, e dessa forma, podemos dizer que o meme é carregado de uma carga simbólica, tendo sua instrumentalidade também na esfera política e ideológica. Tal percepção leva-nos a questionar de que forma os memes podem ser utilizados na disputa pelo poder dentro de um nicho de discussão política e/ou ideológica? E, para elucidar essa problemática este trabalho recorta uma pequena amostra dos memes que envolveram o pastor Silas Malafaia e o jornalista Ricardo Boechat no episódio nomeado pelos internautas como “ô Malafaia, vai procurar uma rôla”, que aconteceu em junho de 2015.

Durante seu programa, na rádio Band News, Ricardo Boechat discursava sobre intolerância religiosa quando uma de suas produtoras sinalizou que o pastor Silas Malafaia havia publicado vários *tweets* direcionados ao jornalista. Em resposta ao ataque, Ricardo Boechat disse ao vivo: “ô Malafaia, vai procurar uma rôla e não me enche o saco”. O episódio categórico, que ganhou repercussão imediata nas redes sociais, teve inúmeros memes satirizando a situação de Silas Malafaia procurando, seguran-

do ou com algum gesto fazendo menção à uma rôla - apelido popular dado a pomba - mas, devido ao histórico de picuinhas de Malafaia com o movimento LGBT, a fala de Boechat expõe, no teor do jargão popular, a interpretação jocosa de que Malafaia deveria mesmo era buscar por um pênis.

No objeto analisado, há pelos menos dois construtos ideológicos em disputa, a saber: o fundamentalismo religioso e a discussão LGBT. Dessa forma, uma análise ou crítica de memes visa investigar a produção de sentido construída a partir desses grupos, que se entendem separados pelo discurso, mas, querendo ou não, estão ligados pela linguagem, e constroem nessa relação uma narrativa conflituosa. A primeira hipótese desta pesquisa é que humor subjacente na sátira e na ironia dos memes é um dos caminhos para representar uma reação política e/ou ideológica. A segunda hipótese é que o meme é capaz de romper as fronteiras estabelecidas pelo discurso do poder hegemônico, no caso, o fundamentalismo religioso empregado pelo discurso enrijecido de Malafaia.

Porém, uma das limitações deste trabalho é que a questão proposta esbarra no entendimento comum de representatividade, que tende a resumir a discussão aos polos opostos, restringindo-se em apenas questionar se Boechat poderia ser um representante do movimento LGBT, ou não? Ou, se Malafaia teria condições de representar os evangélicos brasileiros? Para inibir essa concepção simplista, este artigo pretende ir além, e tratar o tema sob o viés do regime estético proposto por Rancière, tocando em problemáticas menos explícitas, como por exemplo, a desregulagem entre sensível e inteligível ou a mobilidade proporcionada pela disputa territorial de poder.

A fim de desenvolver tal investigação, este artigo empenha-se em demonstrar a disputa

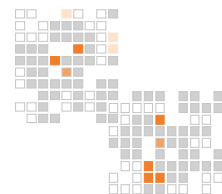
narrativa presente entre Religião e Discussão LGBT através da classificação taxonômica de memes proposta por Shifman (2014), aprimorada por Chagas et al (2017) e que pretendemos complementar com uma análise de conteúdo baseada no aparato teórico dos conceitos de representação e territorialidade. A finalidade da aplicação de tal método é acrescentar mais duas subcategorias àquelas propostas pelos autores predecessores. Espera-se com essa abordagem encontrar e propor novos parâmetros para a classificação taxonômica e para a análise de conteúdo de memes de internet. Enfim, o objetivo desta pesquisa é provocar e ressaltar a percepção dos memes de internet como elementos retóricos, instrumentos de representação e artefatos políticos nas disputas narrativas eclodidas nas redes sociais online (RSO).

1.1 Memes: o que são? onde vivem? do que se alimentam?

Os memes são a combinação entre a replicação e a mutação de um elemento original, que pode ser feita através de uma remixagem, da adição de uma legenda em uma imagem ou da redublagem de um vídeo, etc....; desde que tenha em si a condição de apresentar um novo sentido para o elemento original, o meme pode ser apresentado em diferentes formatos. Mesmo que já tratado em literatura anterior é preciso ter em mente que “mimese” ou “mimético” – raízes próximas de *mimeme*² (aquilo que é imitado ou copiado), que, por sua vez, serviu de origem ao vocábulo “meme”, idealizado por Richard Dawkins – se referem a algo que recria a realidade.

Shifman (2014) é quem atualiza o termo

2 Basicamente a palavra grega mimesis, que é da mesma raiz de mímica, indica imitação. Mas, Osborne (1986) afirma que não existe termo correspondente na língua portuguesa capaz de abranger todos os sentidos de mimesis dentro do discurso filosófico.



“meme” ao contexto digital, a autora defende que os memes podem ser categorizados de três maneiras: memes de persuasão, memes de ação coletiva e memes de discussão pública. Grosso modo, os memes de persuasão reforçam o caráter retórico e são usados como instrumento ou recurso de publicidade, a fim de propagandear uma dada mensagem. Os memes de ação popular são aqueles que engajam muitas pessoas em uma determinada causa ou ação, como o “balde de gelo”, por exemplo. Já os memes de discussão pública são peças na maioria das vezes amadoras, com montagens visuais ou audiovisuais que trazem um teor de crítica e/ou ironia, cumprindo assim a dinâmica já citada acima dos memes como questionadores dos limites e regulações, que reinterpretam os dizeres oficiais satirizando o poder instituído por meio do humor.

A fim de propor um recorte na análise, a classificação taxonômica proposta por este artigo concentra-se nos memes de Discussão Pública, que segundo Chagas “são conteúdos de humor – geralmente imagens legendadas ou fotomontagens – propagados pelos internautas” (Chagas, 2016, p.89). O autor também defende que os memes de Discussão Pública são aqueles que demonstram ironia quanto à atitude política. Dentro da categoria Memes de Discussão Pública, Chagas et. al (2017) propõe quatro subcategorias: (1) Piadas situacionais: conteúdos que apresentem comentários sobre reações, expressões faciais, gestuais ou corporais dos personagens em determinadas situações. (2) Piadas sobre personagens da política: conteúdos que apresentem comentários sobre personagens específicos da cena política, especialmente, mas não apenas, contemporâneos, candidatos ou não. (3) Alusões literárias ou culturais: conteúdos que apresentem menções a produtos culturais (séries, filmes etc.) ou à cultura popular em geral, incluindo

referências a expressões populares e gírias da internet, personagens famosos, celebridades e assim por diante. E, por fim, (4) Lugares-comuns da política: conteúdos que apresentem comentários sobre a corrida eleitoral como guerra, a luta contra o comunismo, os políticos como corruptos etc.

Com o auxílio dos softwares JDownloader e do aplicativo Netvizz do Facebook, a amostra foi composta por 24 imagens macro (memes em forma de fotolegenda) oriundas de *hashtags* como: #SomosTodosBoeChat; #VaiProcurarUmaRola; #CalaBocaMalafaia e no perfil de Aldevan Baniwa³; também foi feita uma pesquisa apurada nos sites: Jornal GGN⁴; Museu de Memes⁵; Último segundo⁶; Folha Uol⁷; Revista Fórum⁸; Youtube⁹ e também na busca pelo filtro imagens do Google. É importante ressaltar que ainda não existem recursos sofisticados para coletas de memes nas RSO, por isso, os canais escolhidos foram selecionados considerando a quantidade diversa de memes sobre o assunto e sua relevância na web. As *hashtags* foram selecionadas de acordo com a quantidade de memes presentes, mesmo entendendo que a própria *hashtag* poderia ser considerada um meme. O perfil de Aldevan Baniwa criou uma galeria de fotos específica para os memes do episódio e, por isso, também entrou para o *dataset* deste trabalho. Dentre todos os canais, o *dataset* do Museu de Memes é o único especializado em coletar, categorizar e descrever a conjuntura que fez surgir o meme. O corpus foi classificado segundo as subcategorias propostas por Chagas et al (2017) e apresentado em forma de amostra no quadro a seguir:

3 <https://goo.gl/ZByDvr> - Acesso em 12.06.18

4 <https://goo.gl/5UBE45> - Acesso em 12.06.18

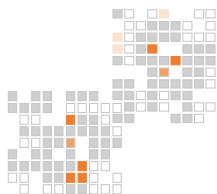
5 <https://goo.gl/cZJLsp> . Acesso em 12.06.18

6 <https://goo.gl/ha5oCu> - Acesso em 12.06.18

7 <https://goo.gl/gmefYM> - Acesso em 12.06.18

8 <https://goo.gl/tUN4bs> - Acesso em 12.06.18

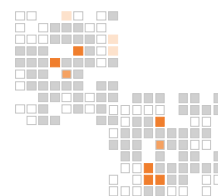
9 <https://goo.gl/X2ieJc> - Acesso em 12.06.18



Quadro 01. Amostra do corpus coletado

Subcategoria	Corpus coletado
Piadas situacionais	
Piadas com personagens políticos	
Alusões literárias ou culturais	
Lugares comuns da política	

Memes de discussão pública (Shifman 2014)



Chagas et. al (2018, p.8) esclarece que por se tratar de uma taxonomia há riscos de interpretação e sobreposição de categorias, mas, mesmo com eventuais “áreas cinzas”, a taxonomia apresenta “um conjunto de virtudes, entre elas, o fato de conferir um arcabouço onto-metodológico mais rigoroso (ou menos impreciso) para lidar com o objeto cientificamente”. Contudo, este artigo empenha-se em agregar outras duas categorias na classificação taxonômica dos memes de discussão pública proposta por Chagas et al (2017). A fim de compilar e fundamentar teoricamente as novas categorias, propõe-se uma reflexão sobre os conceitos de territorialidade, representação e representatividade.

2. Meme: o peregrino de um território em conflito

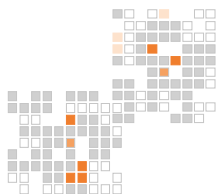
Tratar as redes sociais como um território de conflito exige uma reflexão mais profunda sobre a questão da territorialidade. Haesbaert (2014), explica que “enquanto ‘espaço-tempo vivido’, o território é sempre múltiplo, ‘diverso e complexo’, ao contrário do território ‘unifuncional’ proposto pela lógica capitalista hegemônica”. Para o autor, o território é sempre moldado nas relações de poder onde a territorialidade se dá a partir do entendimento de, pelo menos, duas dimensões do território, uma física e outra simbólica, sendo que uma não anula a outra.

Para além dessa dupla dimensão do território, Haesbaert (2004) propõe também que a territorialidade deve ser compreendida por territórios-zona e territórios-rede, conceitos que são constituídos pela mobilidade provocada pelos agentes nas disputas pelo poder. Isso quer dizer que, quando o poder hegemônico tenta zonestar os territórios, demarcando e cerceando a liberdade de determinado grupo, insurge em forma de confronto uma desregulação nas relações (mobilidade) estabelecendo os territórios-rede e dando uma nova dinâmica política para o

conflito. Conforme Gil (2008, p.110) “a territorialidade é o atributo de determinado fato social no qual o poder é imanente”, o autor explica que o território seria a restrição do espaço e o sistema territorial o *modus operandi* das estruturas de poder. Haesbaert (2004, p.293) esclarece afirmando que “ao contrário de autores que utilizam o termo redes territoriais como sinônimo de redes físicas ou técnicas (...) dotadas de uma materialidade mais evidente, utilizamos o termo para enfatizar o papel das redes em processos (re) territorializados, ou seja, na construção de territórios em seu sentido de controle ou domínio material e/ou apropriação simbólica”. Para o autor, “tal como o território em sentido mais amplo, a rede nunca deve ser tomada como um ‘todo’ homogêneo e a-histórico”. Portanto, as redes sociais, compreendidas como território simbólico, permitem que os territórios-rede ganhem força e combatam o zoneamento dos territórios-zona unifuncionais do poder hegemônico, causando assim o que Haesbaert chama de (re) territorialização.

Partindo de tais pressupostos, podemos ver na ironia dos memes a possibilidade de trazer a disputa entre territórios-rede e territórios-zona para uma ação mais dialógica, pois, de acordo com Shifman (2014, p. 120), os memes políticos “[...] participam de um debate normativo sobre como o mundo deveria ser e qual a melhor forma de alcançar este objetivo”. Portanto, é no riso sarcástico provocado pelo meme que se instala a mobilidade e, mesmo que o contra hegemônico ainda não tenha força discursiva equivalente ao discurso hegemônico, ao menos, o diálogo torna-se uma possibilidade a ser considerada.

Para corroborar essa ideia, Chagas (2016, p.93) afirma que “se por um lado o ambiente das mídias sociais estimula uma discussão pública calcada em experiências pessoais, por outro, valores compartilhados, próprios da cultura popular, podem traduzir em metáforas relações de



poder, sentimentos de solidariedade, comentários e opiniões manifestas”. Ou seja, quando surgem memes a partir de uma situação de conflito, como é o caso do objeto proposto neste artigo, provoca-se a “mobilidade”, isto é, o território-zona é flexibilizado por um território-rede. Ao satirizar o discurso hegemônico, o meme traz a discussão para o nível popular, onde os poucos letrados politicamente sentem-se autorizados a participar da discussão pública.

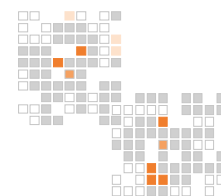
O riso sarcástico do meme traz uma reflexão séria, que reivindica respeito e representação, e se a ideologia se dá a partir das relações e não na consciência individual, como propõe Bakhtin (2014), o meme, então, pode ser visto como um instrumento que provoca um riso sarcástico deslegitimando a autoridade estabelecida, contrapondo o sistema e o discurso hegemônico, expressando discordância, dissonância e oposição de determinado grupo em relação ao poder instituído. Bakhtin (2014), defende que por meio da sátira e do sarcasmo imprimidos no ato de fala, durante a construção do discurso, revela-se a verdade implícita no inconsciente coletivo.

Ao aceitarmos que as redes sociais são território, onde a territorialidade se dá nas relações, compreendemos também a própria noção de espacialidade a partir da representação. Gil (2008, p.102) defende que “são os atores sociais, que por meio de parâmetros coletivos, atribuem sentidos e significados espaciais, revestindo o espaço de uma natureza social”. O autor reforça que o conceito de espacialização do mundo revela quatro categorias distintas: o espaço mítico, o geométrico, o sagrado e o da representação. Para Gil (2008) a categoria Espaço de Representação está baseada nos estudos do historiador Mosse, que identificou os símbolos do nacionalismo pela fusão entre estética e política. Gil (2008, p.103) diz que “a consagração do poder político, coisificado pelos monumentos na-

cionais, seria a referência material da ideologia política”. Ou seja, era o poder utilizando-se da estética, mais especificamente da liturgia cristã, para fixar seu território-zona.

De acordo com Gil, a percepção de Mosse teria sua herança na Revolução Francesa e em Rousseau, que inspirado na Grécia Antiga, sugeriu aos poloneses que prestassem culto coletivo em torno de um monumento patriótico a fim de promover o valor da pátria. Nessa lógica, os políticos seriam análogos aos sacerdotes gregos e o líder político seria a divindade consagrada pelo ritual, a representação e a investidura do Estado. Por isso que, de acordo com Gil (2008, p.104), “todo encadeamento lógico da conformidade religiosa do fascismo ou mesmo do stalinismo remete-nos ao quanto a ideologia política se consubstancia em espaços de representação”. Nisso, entende-se que os atores sociais constroem espaços de representação de acordo com suas motivações coletivas, sejam elas religiosas ou políticas. Enfim, a questão central é que o poder está imanente no coletivo, que por sua vez, revela o cotidiano em espaços de representação.

De acordo com Hall (2016), a representação pode ser dividida em três perspectivas: a reflexiva, quando a linguagem reflete o significado, a intencional, quando o foco está na intenção do “autor”, ou a construtivista, quando o significado é construído na e através da linguagem. Neste artigo concorda-se com Hall (2016) que a representação deve ser entendida a partir da perspectiva construtivista. Para o autor, pessoas que compartilham de um mapa conceitual parecido também devem “compartilhar uma maneira semelhante de interpretar os signos de uma linguagem” (Hall, 2016, p.38), afinal, segundo o autor, é dessa forma que os sentidos podem ser intercambiados entre os sujeitos. E, para Gil (2008, p.104) “o desenvolvimento da história do espaço articula às condições do tempo em redes, que, por sua vez, estão subordinadas às es-



truturas políticas”. Portanto, não há um processo histórico linear para a concepção do espaço de representação, ou seja, as práticas sociais do ser humano que se dão no entrelaçamento das relações sociais configuram o espaço de representação. Gil (2008, p.107) afirma que “no campo das representações sociais há uma intenção adjacente de controle e legitimação na definição de territórios, à qual atribuímos a noção de territorialidade que, por sua vez, está presente em qualquer representação social cuja intenção seja definir as fronteiras de controle e a apropriação de determinada realidade social”. Ora, se estamos considerando as redes sociais como um território simbólico é importante compreender que a discussão temporal, espacial e territorial das representações sociais nos remete às relações de poder, que por sua vez, nos levam à noção de apropriação e à definição de papéis sociais hierarquizados.

Portanto, se a mobilidade provocada pela ironia dos memes carrega em si também uma discussão sobre a representação, então, o debate público se dá em um território simbólico onde as representações sociais revelam as fronteiras determinadas pelo poder e pelo discurso hegemônico enrijecido. Dessa forma, o humor do meme seria uma possibilidade de trânsito entre as narrativas através dos espaços de representação. Por isso, olhar para os memes sem considerar toda disputa simbólica imbricada na discussão é lançar mão da possibilidade de um avanço dialógico sobre um assunto pertinente a toda sociedade. É por isso que esta pesquisa considera a perspectiva política de Jacques Rancière sobre a Estética importante para a compreensão da representação na contemporaneidade.

3. Meme: o incendiário das disputas narrativas pelo poder

Rancière classifica a arte em pelo menos dois regimes: o regime representativo e o regime es-

tético. O autor trabalha essa distinção a partir da articulação entre visível, dizível e invisível. Para Rancière (2012, p.20) “o regime representativo das artes não é o regime da semelhança ao qual se oporia a modernidade de uma arte não figurativa, ou mesmo de uma arte do irrepresentável”. Ou seja, para Rancière, no regime representativo existe a possibilidade de algo não ser representado, em contraponto, para o regime estético o irrepresentável não existe. Isso acontece porque o regime representativo se atém ao enunciado, enquanto o regime estético considera também a enunciação. Mas, a ruptura entre os regimes não requer uma dissociação entre um e outro, para Rancière (2012, p.21), a ruptura se dá “quando as palavras e as formas, o dizível e o visível, o visível e o invisível se relacionam uns aos outros segundo novos procedimentos”. Por isso, no regime estético a imagem não é mais a codificação de um pensamento ou uma tradução do falado, é na verdade, como as próprias coisas falam e calam.

Para Rancière (2012, p.22), “o regime estético, que se constitui no séc. XIX, diferencia-se de um regime representativo porque não é mais a expressão codificada de um pensamento ou de um sentimento”. Esse novo regime instala-se no centro das coisas e faz com que o pesquisador ou o crítico tenha um novo olhar sobre os fenômenos, sujeitos e objetos recortados para sua análise. Rancière chama a imagem alocada no cerne das coisas de palavra muda. Para o autor, a palavra muda deve ser vista em dois sentidos. No primeiro, a imagem é a “significação das coisas inscritas diretamente sobre os corpos, sua linguagem visível a ser decifrada” (Rancière 2012, p.22), funciona como a eloquência do que é mudo, são as marcas sob o corpo que gritam seus significados e convencem muito mais do que qualquer discurso oral. No segundo sentido, a palavra muda é aquilo que não é necessariamente propriedade de uma coisa ou de alguém,

mas a própria posição da relação indiferente de um com o outro, Rancière (2012, p.22) diz que é “o status de arte ‘boba’ que faz dessa incapacidade de transferência adequada de significações sua própria potência”. O autor quer dizer que o poder da palavra muda está exatamente na inadequação de transferência de significados. Ou seja, não é óbvio, como muitas vezes a ironia e a sátira do meme também não são.

Essa incapacidade de transferência adequada de significados é que municia o meme da possibilidade de desregular a discussão política. No riso, o discurso hegemônico se desestabiliza, e ao desconsiderar a ameaça acaba perdendo ainda mais sua força. Nesse sentido o meme funciona como a “parresía”, conceito grego trabalhado por Foucault (2010) para tratar do “falar a verdade” na concepção do governo de si e governo dos outros. A parresía na Antiguidade é tratada como uma virtude que algumas pessoas têm e outras não, mas para Foucault (2010, p.42), parresía “é uma técnica, é um procedimento: há pessoas que sabem se servir da parresía e outras que não sabem se servir da parresía”. O meme tem o poder de expor verdades capazes de desestabilizar discursos enrijecidos, contudo, ainda é uma linguagem e, sendo assim, há pessoas que sabem usar e outras não.

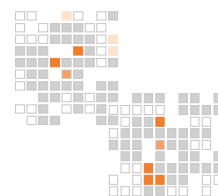
Trabalhando a história de Édipo, Rancière retrata a mesma tensão entre o dizer a verdade ou não dizer. O autor relembra que em Édipo o personagem Tirésias sabe e se recusa a dizer o que sabe, mas mesmo assim, diz sem dizer, provocando em Édipo a inversão do desejo de saber para a recusa de ouvir. Rancière (2012, p.125) sintetiza dizendo que “antes de toda lógica ordenada da peripécia, há esse jogo entre um querer saber, um não querer dizer, um dizer sem dizer e uma recusa de ouvir”. Ou seja, enquanto Sófocles e Platão, dentro de seus universos, questionam qual é a utilidade do conhecer as coisas para os mortais, se constitui o que Rancière

chama de ordem representativa, onde há uma regulagem entre as significações.

Quando há essa regulagem entre o dizível e o visível se estabelece o regime representativo, que para Rancière faz irrepresentável existir, ou seja, nesse regime certas situações, pessoas, coisas e afins, não podem ser representadas. Pensando assim, não há verdade em Édipo, pois são personagens fictícios. Porém, no regime estético o irrepresentável não existe, logo, mesmo com todas as dissonâncias com a realidade há verdade nos olhos furados de Édipo, em sua história, e na busca de Sófocles e Platão pela utilidade em saber as coisas.

O que tem o meme a ver com tudo isso? Analisar o meme no regime estético proposto por Rancière é elevá-lo para além de uma simples piada. O meme torna-se produtor de sentido. Sua ironia revela um saber popular da verdade, que desregula as propriedades fixadas da representação. O próprio meme é uma ideia. Ele representa uma ideia. O meme no regime estético não deixa espaço para que algo não seja representado.

Perceber a disputa territorial refletida nas relações de poder é sair de um regime representativo para avançar na compreensão de um regime estético. Por exemplo, se chamarmos um negro para falar sobre a escravidão isso será um relato importante, mas ainda assim, será um artefato do regime representativo e, por isso, só será algo realmente fundamental se esse relato também for “congruente” ou “associado” ao regime estético, ou seja, relatado considerando toda representação, reconhecendo que ela é carregada pela fábula ou a invenção ficcional e nisso a fala do branco também compõem a percepção do que foi a escravidão. Rancière (2012, p.141) reforça dizendo que “o afeto inconsciente que não apenas penetra o espírito, mas propriamente o inaugura, é o estranho em casa, sempre esquecido e cujo esquecimento o



espírito deve esquecer para poder se colocar como senhor de si mesmo”. Ou seja, se nossa interpretação permanecer regulada pelo regime representativo o Outro sempre será aniquilado e a dialogia subsistirá. Contudo, se olharmos para o meme como um desregulador, que por si só já carrega significados e que provoca a mobilidade dos territórios zoneados, haverá aí uma importância fundamental do meme nas disputas pelo poder.

Malafaia traz em si uma carga simbólica projetada no discurso hegemônico do conservadorismo religioso evangélico brasileiro. Seu enunciado limita fronteiras e cerceia a liberdade de expressão e de gênero. Mas, seu posicionamento torna-se imaculado quando assume um papel no regime representativo sendo interpretado por seus pares, apenas, como detentor de uma mensagem divina do bem. Contudo, se tivermos um olhar para além do seu enunciado, e entendermos o lugar de fala de Malafaia, do ponto de vista da enunciação que lhe propõe, será fácil entender que sua postura é opressora.

Por outro lado, Boechat não assume uma representatividade pró movimento LGBT apenas porque rebateu Malafaia. Dentro do contexto de disputa simbólica, Boechat não teria nem condições para assumir o papel de defensor dos direitos homossexuais, exatamente, porque não há nele uma enunciação que possa corroborar sua fala. Falta-lhe respaldo, história e credibilidade junto ao movimento, por isso, sua fala pode tanto defender a causa LGBT, quanto soar machista. Ou seja, em um regime estético, Boechat pode sim falar em prol do movimento LGBT, contudo, nesse episódio específico, ele não pode ser associado à uma representatividade da causa homossexual no Brasil.

É nessa diacronia que os memes resultantes deste conflito narrativo tornam-se espectros da representação de uma causa. Os memes movimentam o sentido ao satirizar. Para além

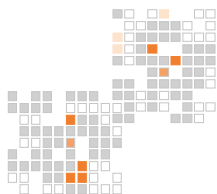
das personalidades os memes transformam o discurso enrijecido em uma pauta de reflexão. Causam na sociedade uma visão inesperada de Malafaia e com sua ironia fazem surgir o questionamento sobre a razão de haver um discurso tão fundamentalista em relação ao movimento LGBT.

4. Considerações finais: novas categorias de classificação taxonômica

Para Franco (2005), o ponto de partida da Análise do Conteúdo é a mensagem, que pode ser “verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada, necessariamente, ela expressa um significado e um sentido” (2005: 13). De acordo com a autora as discussões acerca da Análise de Conteúdo devem ser ampliadas levando em conta:

“bases teóricas e metodológicas, a complexidade de sua manifestação que envolve a interação entre interlocutor e locutor, o contexto social de sua produção, a influência manipuladora, ideológica e idealizada presentes em muitas mensagens, os impactos que provocam, os efeitos que orientam diferentes comportamentos e ações e as condições históricas, sociais, mutáveis que influenciam crenças, conceitos e representações sociais elaboradas e transmitidas via mensagens, discursos e enunciados” (FRANCO, 2005:10)

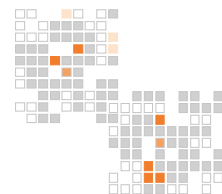
Partindo dessa perspectiva teórica sobre a Análise do Conteúdo propomos agora a inserção de mais duas subcategorias para os memes de Discussão Pública, a saber, (1) Conflito ideológico, quando a mensagem apresenta o personagem representando ou sendo representado pela ideologia opositora; e (2) Ressignificação de símbolos: quando algum elemento presente na imagem recebe um novo sentido. As categorias são exemplificadas no seguinte quadro:



Quadro 2: proposta de novas subcategorias

Subcategoria	Exemplo do corpus	Base teórica
<p>Conflito ideológico</p>		<p>Memes que surgem a partir de uma situação de conflito provocam a “mobilidade”, isto é, o território-zona é flexibilizado por um território-rede.</p>
<p>Ressignificação de símbolos</p>		<p>Memes ressignificam símbolos quando os atores sociais constroem espaços de representação de acordo com suas motivações coletivas, sejam elas religiosas ou políticas. O poder imane no coletivo, revela o cotidiano em espaços de representação onde imagens populares ou símbolos imaculados ganham novo sentido</p>

Fonte: próprio autor



Rancière defende que o Fim das Imagens é um projeto histórico estacionado entre os anos 1880 e 1920, na transição de simbolismo para construtivismo, mas que proporcionou uma arte liberta das imagens. O autor defende que esse projeto assumiu duas grandes formas: a arte pura, onde as performances realizariam a ideia diretamente numa forma sensível autossuficiente, que não necessariamente seria uma imagem; e a segunda forma: a arte que se realiza ao suprimir-se, isto é, acontece no cotidiano onde não se separa mais a arte do trabalho ou da política.

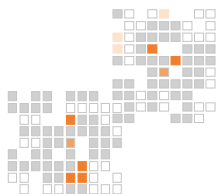
Para Rancière (2012, p.124) “a representação é um desdobramento ordenado de significações, uma relação regulada entre o que compreendemos ou antecipamos e o que advém de surpresa, segundo a lógica paradoxal analisada na Poética de Aristóteles”. Para outros autores contemporâneos, como Bauman, a popularização da internet tornou o poder extraterritorial em espaço encurtado, mas, o humor dos memes demonstra que tal atravessamento entre significações tem um forte componente político, pois trata-se de ideias carregadas de representações propagadas por uma linguagem mediática veloz e eficaz.

Portanto, quem afinal tem o poder de disseminar estes estereótipos? A fala não é desprovida de mediações, pois, são imagéticas, pessoais, corporais, ou seja, há um corpo que fala. Contudo, o problema da representatividade é que o corpo que fala tem mais importância do que a fala propriamente dita. O ativista que faz uso de memes, como o de Malafaia procurando uma Rola, transmite a consciência de uma con-

tradição ideológica e, então, a cada novo usuário o meme ganha construtos específicos que substanciam a contradição sinalizada.

Enfim, memes possuem pelo menos duas potencialidades além da luta ideológica no nível de perspectiva por incongruência. Primeiro, eles podem servir como um meio significativo de construção da consciência política. Exemplos podem ser colocados em cima de exemplos para gerar uma consciência muito mais ampla da contradição do que jamais poderia ter sido sugerido em um determinado discurso ou panfleto. Em segundo lugar, memes também podem funcionar a serviço da subjetivação ideológica. A interpelação, o processo pelo qual a ideologia constrói indivíduos como sujeitos políticos concretos, é frequentemente empregada de maneira intercambiável. Esses termos denotam uma consciência do poder dos textos retóricos para constituir uma audiência que fale em prol de uma existência social.

Contudo, não se pode ser ingênuo e achar que os memes servem, apenas, à uma interpelação inclusiva e social, afinal, visões preconceituosas e reducionistas também são propagadas velozmente na internet por conta da facilidade em se criar e compartilhar conteúdos digitais, por isso, as ideias camufladas pelo humor que percorrem as redes sociais devem ser levadas muito a sério. Os memes cotidianamente nos chamam a atenção para disputas políticas e sociais subterrâneas, propagadas através de conteúdos encarados de forma despreziosa, como piadas, mas que enquanto isso, no mundo real, nem sempre tem graça.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. de M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2014.
- CHAGAS, Viktor. *A Febre dos Memes de Política*. In: Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2018.1.27025>, 2018.
- CHAGAS, Viktor; FREIRE, Fernanda A.; RIOS, Daniel; MAGALHÃES, Dandara. *A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2014*. In: Intexto, UFRGS, n. 38, p. 173-196, Porto Alegre, 2017.
- CHAGAS, Viktor. *Não tenho nada a ver com isso*. In: Internet e eleições do Brasil. Org: Cervi, Emerson U; Massuchin, Michele G; Carvalho, Fernanda C de. Curitiba: CPOP (grupo de pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública), 2016.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de conteúdo*. Brasília, 2ª edição: Liber Livro Editora, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *O Governo de si e dos outros*. Trad: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da Crítica*. Trad: Eugênio S. Ramos. São Paulo: Cultrix, 1957.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. *Espaço sagrado: estudos em geografia da religião*. Curitiba: Ibepex, 2008.
- HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Trad: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.
- HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- MOTTA, Luiz G. *Análise pragmática da narrativa: Teoria da narrativa como teoria da ação comunicativa*. In: PEIXINHO, Ana Teresa; ARAÚJO, Bruno (Org.). **Narrativa e Media**: gêneros, figuras e contextos. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017. p. 43-69.
- OSBORNE, Harold. *Estética e Teoria da Arte*. Trad.: Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1986.
- RANCIÈRE, Jacques. *O destino das imagens*. Trad.: Mônica Costa Neto. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- SHIFMAN, Limor. *Memes in digital culture*. Massachusetts: MIT Press, 2014.
- SEARLE, J. R. *Mente, lenguaje y sociedad*. Editora Alianza: Madrid, 2001.

